



Prometeu alcoolizado

A idade de pouco mais de vinte anos e a escassez de minha experiência com bebidas já bastariam para me tornar incapaz de estar agora a falar para vocês de um tema tão espinhoso, tão significativo e tão exigente, acreditem, de um razoável nível de sobriedade. Por outro lado, para justificar a minha presença aqui, vou me valer do artifício usado pelo pacifista indiano Mahatma Gandhi quando, conta-se, uma mãe com o filho o procuraram para que ele fizesse a criança parar de comer açúcar.

Ele os atendeu calado e, segundos depois, pediu que ambos retornassem em quinze dias. Transcorrido tal período, Gandhi recebe os dois de novo, olhou bem no fundo dos olhos do menino e disse: “Pare de comer açúcar!”. Espantada com o exótico método gandhiano de tratamento, a mãe perguntou se não teria sido mais fácil fazer isso quinze dias antes, no dia em que se viram. Gandhi então respondeu:

“Sim, mas naquela ocasião eu também estava comendo açúcar”. Portanto, venho até vocês a fim de olhar no fundo de seus olhos e sugerir apenas que parem com a dependência do álcool, o qual, por ironia, deriva das mesmas fontes do açúcar.

Na realidade, estou incumbido aqui de, numa perspectiva nova, reforçar as evidentes conclusões negativas das ciências médicas a respeito do uso excessivo de bebidas. No entanto, será a partir de um posto de observação não dos especialistas nem do lugar-comum. Faço-o mediante um ponto que qualquer um de vocês pode galgar sem dificuldade e de onde pode tirar lições valiosas. E qual horizonte é esse que um jovem tipo eu, capaz malmente de resolver os seus problemas, agora indica? É a partir da história de Prometeu acorrentado.

Segundo a mitologia grega, Prometeu (titã ou semideus, irmão de Atlas e criador da humanidade) era filho dos deuses Japeto e Climene. ●

Trecho da minipalestra do livro *A fúria de papéis espalhados* (São Paulo, Scortecci, 2020, R\$40, papel; 2021, R\$25, e-book e audiobook), de Darlan Zurc



EXPEDIENTE

Fundado em janeiro de 2022.

Editor, desenhista, diagramador,
fundador e redator: Darlan Zurc.

Periodicidade: irregular.

Contato: darlanzurc@darlanzurc.com, (011)

97215-8154, www.darlanzurc.com e Caixa

Postal 2501, Guarulhos (SP), CEP 07010-972.

© *Umbu Verde* é marca registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).



A culpa de sentir culpa

Assombrado por sentimentos infundáveis de remorso, além da vergonha por erros cometidos com frequência normal, Aniquilado da Fonseca não tinha mais tanto desejo de viver.

Por mais que se desdobrasse para fazer as coisas certas e evitar atritos com quem chegasse perto, Aniquilado era a forma acabada dos mais elevados pruridos morais. Inclusive, ele policiava com mão ditatorial qualquer movimento agressivo inconsciente que pudesse surgir com ou sem motivo. Até os seus sentimentos mais conscientes deveriam ser suaves e sempre afagar os desejos alheios.

Com o tempo, ele começou a desenvolver a teoria segundo a qual a fonte de todos os seus males e os da humanidade residia no famigerado sentimento de culpa. E que a Igreja Católica e demais igrejas, guardiãs desse e de outros preceitos, deveriam ser combatidas.

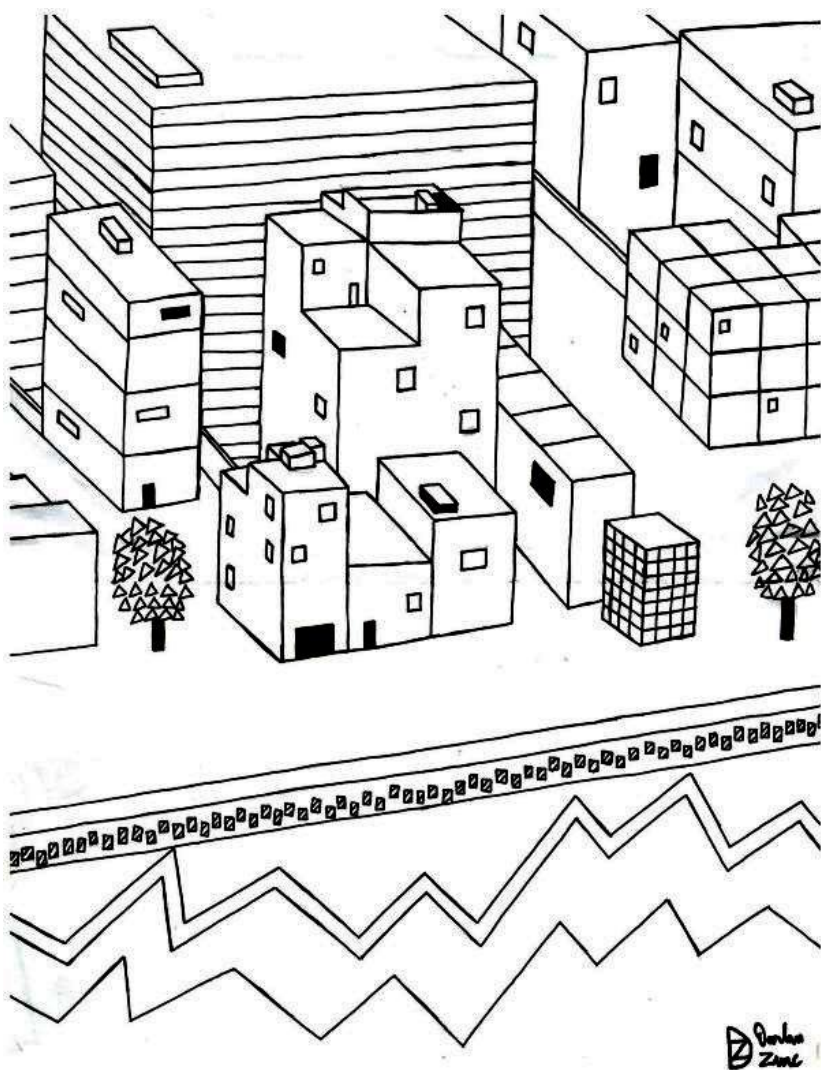
Estudou tratados filosóficos e teológicos de todos os tipos, consultou professores e intelectuais das mais diferentes nacionalidades e dos mais díspares vieses ideológicos, ouviu o que queria ouvir e minimizou pensamentos que pudessem contradizer o plano geral que arquitetara: a culpa toda é do próprio sentimento de culpa.

Não faz sentido, pensou ele, estarmos presos a essa ideia que tanto aprisiona nossa liberdade e nos coloca em uma camisa de força contra o pecado. Essas amarras precisam acabar. Na sua certeza indestrutível, Aniquilado começou a deduzir que muitas outras coisas no mundo precisavam de uma reforma urgente. Segundo ele, o mundo que está posto seguiu um caminho errado. Não tardou para que ele condenasse a ideia de pecado original e todo o castelo de premissas e conclusões que advém daí.

Ele estava decidido a convencer os seres humanos sobre a sua descoberta, a qual o fez encontrar o caminho da cura em relação às fragilidades mentais e às vergonhas descabidas. •

Trecho do conto da antologia de vários autores *Miriade* (São Paulo, Andross, 2017, R\$40), organizada por Alfer Medeiros





Ilustração, com apenas traços retos, para o livro *Vinagre, o cachorro* (São Paulo, Pragmatha, 2023, R\$40), de Luiz Eudes

Com tempo e sem tempo

De um traço no nada, no não lugar, na ausência completa de matéria, luz, cheiro — tudo —, Deus engendrou o tempo, acionou o primeiro movimento e sorriu.

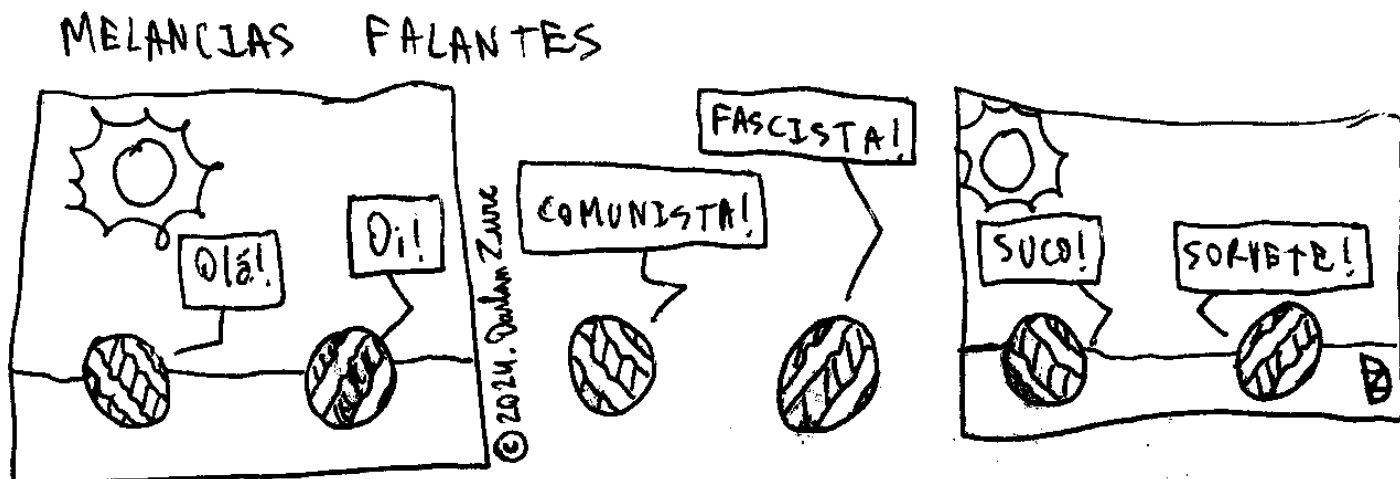
A máquina devoradora foi lançada em seguida e permitiu que as coisas surgissem a partir daí. O tempo atravessa o que existe e o corrói depois.

A maior das ironias é que as obras do Criador refletem a Sua imagem, a Sua semelhança e a Sua vontade, mas nada disso compõe a Sua essência.

E qualquer sinal de que algo nasceu já carrega em si a semente da morte. A única maneira de burlar o fim é evitar que o início (a criação) aconteça.

Porém, sem criação não há obras, sem obras não há nada, sem nada não há tempo e sem tempo só há Deus. O tempo não alcança Deus, e Deus não tem tempo. •

Poema da antologia de vários autores *Tempo insólito* (São Paulo, Scortecci, 2018, R\$40)



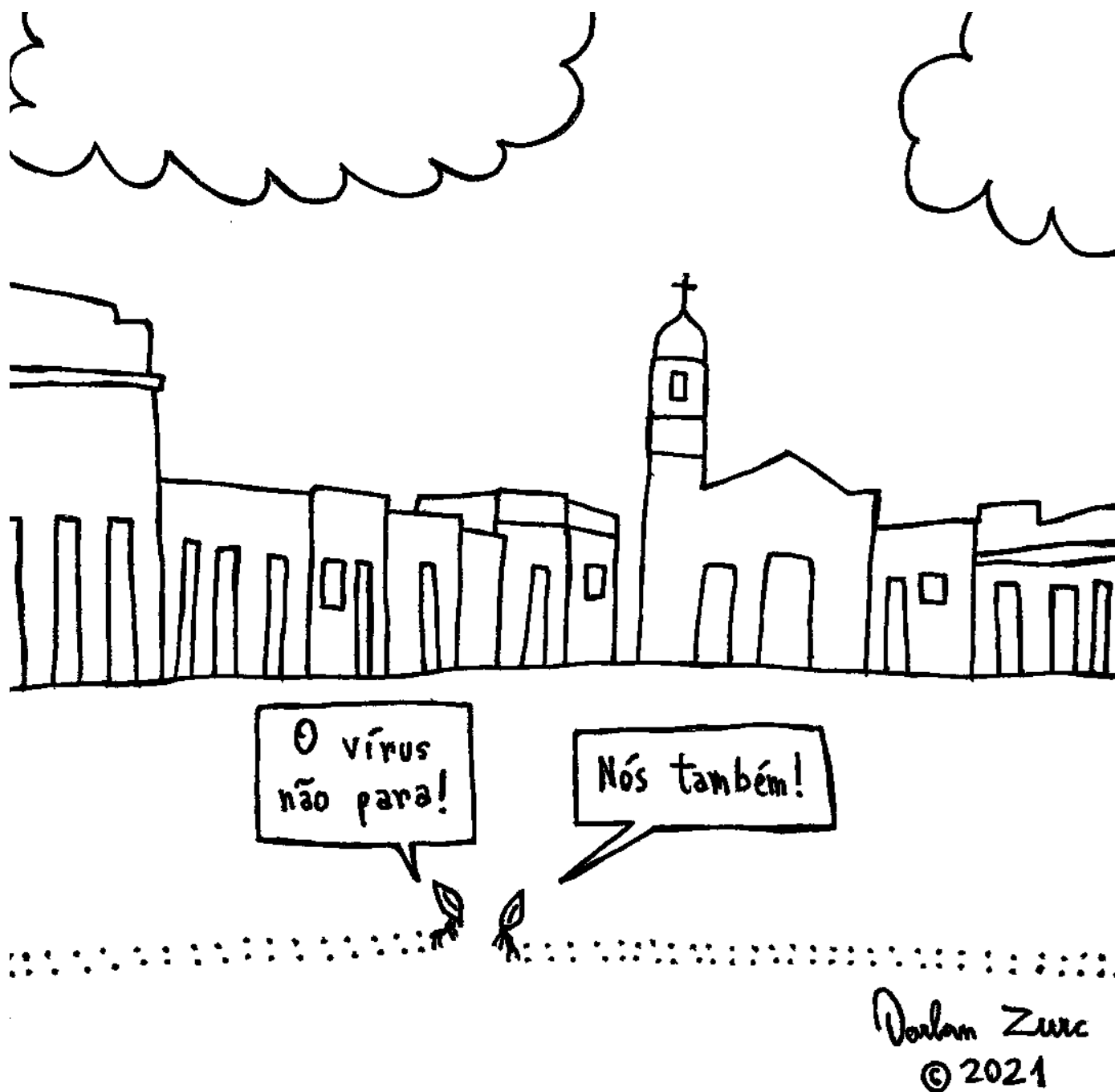


Ilustração inspirada numa fotografia de 1947 da Rua D. Pedro II, Centro, Guarulhos (SP); a fotografia pertence ao Arquivo Histórico, da Secretaria de Cultura de Guarulhos (www.guarulhos.sp.gov.br/historia) •



Ao vivo, sábado, meio-dia
Apresentação: Carlos Sílvio

